

O FUNDACIONISMO CARTESIANO COMO ESTRATÉGIA DE SUPERAÇÃO DO REGRESSO PIRRÔNICO

Breno Ricardo Guimarães Santos¹

Resumo: A imagem do Descartes cético é um mito que perdura na filosofia ocidental desde as primeiras apreciações de suas *Meditações*. O filósofo é reconhecido, por muitas vezes, como o maior dos céticos e é classificado em muitos livros básicos de filosofia como um pirrônico legítimo. A proposta deste trabalho é demonstrar como este mito não se sustenta se nos debruçarmos sobre alguns fatos da história da filosofia. O intuito aqui é caracterizar este suposto ceticismo cartesiano e mostrar como ele se apresenta de uma maneira metodologicamente estratégica em defesa das propostas teísta e fundacionista do autor, na melhor acepção destes dois termos.

Palavras-chave: ceticismo; fundacionismo; Descartes; pirronismo; agripa; meditações.

Abstract: The image of a skeptic Descartes it's a myth that lives on the occidental philosophy since the early appreciations of his *Meditations*. The philosopher is often recognized as the greatest skeptic and is classified in many basic philosophy books as a genuine pyrrhonian. This paper aims to demonstrate how this myth become untenable if we look at some facts in history of philosophy. The intention here is to characterize this supposed Cartesian skepticism and show how it presents itself in a methodologically strategic way in defense of his theistic and foundationalist approaches, in the best sense of those terms.

Keywords: skepticism, foundationalism, Descartes.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina - e-mail:

breno.ricardo@gmail.com

Introdução

O filósofo francês René Descartes figura como um dos mais importantes autores da tradição moderna, do pensamento pós-reforma. Seus textos são, por muitas vezes, considerados básicos para qualquer um que se interesse por um estudo sério de Epistemologia. Em, pelo menos, três das suas principais obras, Descartes retomou e discutiu importantes noções acerca do conhecimento e da mente humana, sendo *Discursodo Método* e *Meditações* seus principais trabalhos neste sentido, configurando-se como literatura fundamental para os estudiosos de Teoria do Conhecimento.

Ao mesmo tempo em que suas obras alcançaram o grande público de entusiastas da filosofia, seus temas foram, com certa frequência, mal compreendidos e/ou mal interpretados (POPKIN, 2000, p. 271). Como demonstra Richard Popkin, o método cartesiano, hoje reconhecido por muitos como um método fortemente deísta, foi, em certa medida, condenado por alguns pensadores e algumas autoridades cristãs contemporâneas ao autor. De certo modo, este mal entendido se dissipou, mas não é nada estranho encontrarmos, ainda hoje, trabalhos de filosofia (manuais da área, inclusive) que tratam dos escritos cartesianos de forma aparentemente equivocada. Exagerada, talvez. O propósito deste trabalho não é o de enumerar nem esclarecer acerca destes aparentes equívocos, mas apresentar o método cartesiano de forma simples e demonstrar como sua filosofia foi, antes de tudo, uma maneira de dar respostas a problemas antigos que voltavam à tona em sua época.

Não é de hoje que problemas de justificação de crenças tomam a atenção dos filósofos e também não é de hoje que muitos deles têm dado um tratamento positivo a estes problemas, ao passo em que um grupo nada pequeno destes pensadores trata a justificação como um entrave na noção tradicional de conhecimento, dentro da filosofia ocidental. São os céticos, os principais detratores deste elemento epistêmico. O ataque que eles direcionam aos critérios de justificação não é recente, data da antiguidade e teve seu momento mais forte de reprodução em meados do século XVI, com a retomada de muitos temas antigos, há muito esquecidos pela escolástica européia.

O posicionamento cético pode ser bem representado pelo *Trilema de Agripa*, uma estratégia dubitativa presente na tradição grega, que condena a dinâmica argumentativa de demonstrar a cadeia de razões para as crenças a um fracasso certo, dado que este movimento estaria sedimentado sobre bases evidenciais insuficientes. O trilema faz parte de um conjunto maior de argumentos, chamado de *Os Cinco Modos de Agripa*, largamente utilizados pelos pirrônicos antigos, ao defenderem este fracasso da cadeia evidencial. A intenção da

argumentação pirrônica é levar o interlocutor à *ataraxia*, à suspensão total do juízo acerca de dada crença, pela impossibilidade de completar-se o movimento evidencial subjetivo que a justifique. O *Trilema de Agripa* vai tratar, grosso modo, do regresso das justificações contidas nesta cadeia. E pode ser exemplificado da seguinte forma: *S* tem uma crença de que *p* justificada por outra crença de que *q*; *q*, para ser apresentada como evidência, precisa estar justificada para o sujeito. Desta forma: a crença de *S* de que *q* está justificada por *r* que, por sua vez, vai também necessitar de uma justificação adicional para *S*, e assim por diante (SARTORI, 2006, p. 14).

Segundo os pirrônicos, ao defenderem o trilema, este regresso só pode ser resolvido de três formas: (1) o movimento se encerra arbitrariamente, de forma injustificada; (2) a cadeia contém elementos que se justificam entre si, criando assim um círculo vicioso de justificações; (3) se tem a continuidade do movimento de forma indeterminada, criando assim um regresso infinito de razões (ETCHEVERRY, 2009, p. 9). Não importando qual dos três caminhos se toma, para os pirrônicos, o ceticismo sempre vence, posto que nenhum deles se encerra de forma justificada.

O que interessa ao regresso pirrônico é a suposta impossibilidade da justificação. O ceticismo, tomado de uma forma global, assevera a impossibilidade do conhecimento. Já no pirronismo, aparece algo como uma sinédoque moderada desta visão mais geral. O que o cético pirrônico defende é a impossibilidade de garantir tal justificação epistêmica, de maneira que esta situação levaria a uma dúvida incontornável acerca do próprio conhecimento².

Nenhuma das três alternativas contidas no trilema soa favorável a uma abordagem dogmática positiva (ou até mesmo negativa) do conhecimento. O regresso infinito esbarra, segundo alguns autores, na própria finitude da mente humana, que não poderia estender uma cadeia de justificações epistêmicas com base na experiência tão longa que vá além dos limites empíricos de determinado sujeito. O caminho que se extingue na arbitrariedade esbarra na própria implausibilidade da proposta, dado que quando se busca justificação para uma crença, o mínimo esperado é que as crenças envolvidas nesta justificação estejam igualmente justificadas. A arbitrariedade da interrupção da cadeia, neste caso, é mais uma poderosa ferramenta da argumentação cética. A justificação circular, por sua vez, transformaria a cadeia evidencial em um círculo vicioso, posto que, em algum momento de seu movimento, uma

² Logo na primeira página do prefácio de sua *História do Ceticismo: de Erasmo a Spinoza* (2000), Richard Popkin estabelece esta distinção, entre as tradições acadêmica e pirrônica do ceticismo grego.

crença acabará gerando sua própria justificação, no afã de dar continuidade à cadeia (SARTORI, 2006, p. 9).

Estas dificuldades constituem a base da argumentação pirrônica e são, até hoje, reconhecidas como sérios entraves à abordagem tradicional do conhecimento. Elas são responsáveis, em certa medida, pelo nascimento de algumas correntes epistemológicas, preocupadas em estabelecer uma resposta adequada a cada uma delas e interessadas em sua superação. Uma das linhas epistemológicas de maior destaque no que concerne a esta preocupação e que se fortaleceu após o século XVI, é o *Fundacionismo*, alternativa epistêmica que visa, grosso modo, estabelecer uma interrupção justificada do regresso evidencial, fugindo tanto da arbitrariedade quanto da circularidade e do regresso infinito do movimento epistêmico.

Para melhor entender a relação entre o ceticismo (pirrônico) e o Fundacionismo, precisamos atentar para o contexto de surgimento deste interesse.

Pirronismo revisitado

Depois de muitos séculos de esquecimento, foi em uma Europa renascentista e pós-Reforma que os escritos céticos antigos viraram fruto de interesse e especulação. Segundo Richard Popkin (POPKIN, 2000, p. 50), as idéias pirrônicas já tinham sido objeto de estudo de alguns escolásticos, ainda na Idade Média, por volta do século XIII, mas é na modernidade que a dúvida grega se incorpora à tradição filosófica, por meio da descoberta, tradução e publicação das obras de Cícero, Diógenes Laércio e Sexto Empírico. Apesar de este resgate não ter sido feito com preocupações necessariamente filosóficas, pois, como aponta Popkin, houve uma larga utilização dos trabalhos céticos por pensadores modernos visando fins religiosos, filológicos e históricos, antes de qualquer abordagem fundamentalmente crítica, o crescente interesse dos intelectuais da Renascença, acabou colocando estes debates antigos em evidência e trouxe para o *metiê* filosófico questões que, por muitas vezes, fugiram da atenção da tradição medieval. Questões sobre a busca da certeza sobre o critério de justificação das crenças, por exemplo, foram retomadas com bastante força já no século XVI, agora com uma atenção genuinamente filosófica.

Sexto Empírico, com suas *Hipotiposes Pirronianas*, é um autor que, por conta de sua crítica à postura dogmática quanto ao conhecimento e por sua apresentação dos estágios da dúvida pirrônica, é reconhecido até hoje como um dos grandes nomes desta tradição,

influenciando filósofos desde a modernidade, seja no questionamento cético puro para fins fideístas, como no caso dos escritos de Montaigne, ou no uso da postura pirrônica como estratégia retórica para a implantação de um novo *modus operandi* na filosofia, como é o caso do ceticismo metodológico cartesiano

Descartes não passou incólume pelo que Popkin chama de *crise pirrônica* da tradição moderna francesa. A retomada do (*não-*)*sistema* de Pirro viria afetar uma gama de autores de orientação anti-aristotélica da Contra-Reforma, como Montaigne e seus discípulos, que viam na dúvida o caminho para buscar uma resposta às críticas dos reformadores protestantes e reafirmar a validade de sua fé católica, pela própria fé, minando a necessidade de prezar pelo racionalismo da crença religiosa.

Os ataques cumulativos dos humanistas pirrônicos de Montaigne a La Mothe Le Vayer, e dos pirrônicos científicos como Gassendi e Marandé, deixaram a busca de um conhecimento garantido sobre o mundo “real” sem um método, um critério ou uma base. Nenhum tipo de investigação racional sobre a verdade das coisas parecia possível, uma vez que em relação a qualquer teoria, ou a qualquer dogma, uma bateria de argumentos aparentemente irrefutáveis podia ser lançada. A *crise pyrrhoniennne* havia solapado a busca da certeza tanto em relação ao conhecimento religioso quanto ao científico. (POPKIN, 2000, p. 184)

Foi na esteira da elaboração de sistemas nos moldes contra-reformistas, e de posteriores ataques a estes sistemas, que Descartes pôde desenvolver sua dialética particular. Segundo Popkin, o filósofo absorveu um conjunto de idéias de combate ao novo pirronismo da *criseda* primeira metade do século XVII, reconhecendo falhas cruciais na compreensão do problema pirrônico. Para Descartes, o erro de muitos dos autores que tentaram estabelecer estratégias para contornar o problema da dúvida foi a má compreensão do problema central pirrônico. A verdade, para o autor, deveria ser entendida como um elemento transcendentalmente claro, livre de qualquer dúvida e impossível de não ser conhecido (POPKIN, 2000, p. 255).

O filósofo que tentasse buscar uma resposta ao ceticismo local, deveria ter em mente que a busca por um critério de verdade não poderia ser o foco da crítica, como vinha acontecendo com as investigações de alguns de seus contemporâneos. De maneira que, segundo Descartes, esta não deve ser e, para ele nunca foi, objeto de dúvida. O ponto de partida da crítica deve ter a verdade como algo conhecido, para que se possa testar o critério demolido pelo pensamento cético.

O problema fundamental na abordagem de Herbert, segundo Descartes, era que se não soubermos de antemão o que é a verdade não teremos como apreendê-la. Por que deveríamos aceitar as conclusões de Herbert se não estivermos certos de que são verdadeiras? Se podemos decidir que são verdadeiras, teríamos de poder saber já o que é a verdade para reconhecermos que o esquema de Herbert no *De Veritate* era de fato um método para se avaliar ou descobrir a verdade³. (POPKIN, 2000, p. 255)

E é nesta defesa da posse da verdade de partida que o autor propõe o próprio teste de seu critério, para a compreensão do problema do conhecimento. A resposta de Descartes vai ser elaborada, em larga medida, em cima desta posse e, a partir do reconhecimento da força do argumento pirrônico, ele acredita poder enfrentá-lo da maneira adequada. (POPKIN, 2000, p. 270)

O Cogito Fundacionista

Apesar de muitos autores já terem se debruçado sobre os argumentos pirrônicos e tentado estabelecer uma solução que minasse as bases da dúvida cética, nenhum deles, antes do século XVIII, chegou a elaborar uma resposta tão direta e, ao mesmo tempo, tão elaborada quanto o fez Descartes. A já citada má compreensão do método cartesiano é importante para que possamos compreender esta resposta. Descartes foi, por muitas vezes, e durante muito tempo, considerado um cético, no sentido mais tradicional possível do termo. Ao ler suas *Meditações*, muitos acabaram interpretando seu método como uma apresentação cética tradicional, da dúvida pela própria dúvida. No entanto, há mais camadas no trabalho de Descartes do que supunham estes estudiosos.

Na primeira parte das *Meditações*, o autor derrama sobre o leitor um caldeirão de dúvidas tipicamente céticas. Descartes coloca toda a base do conhecimento empírico humano à prova e desafia o que, por muito tempo, foi tomado como estabelecido na filosofia ocidental. O autor se veste de pirrônico para poder jogar o jogo da dúvida. Nada pode ser conhecido pelos sentidos, afirma o aparente pirrônico, posto que não podemos confiar em quem já nos traiu, em algum momento (DESCARTES, 2004, p. 250). E Descartes não encerra sua especulação cética por aí. O autor leva o argumento cético a um limite já ensaiado na

³Richard Popkin, neste momento, se refere às críticas feitas por Descartes a autores contemporâneos que tentaram estabelecer respostas satisfatórias aos desafios céticos. Dentre estes filósofos se encontra Herbert de Cherbury que, em sua obra principal, busca estas repostas na discussão seminal da possibilidade da verdade, ponto fortemente criticado por Descartes, que não reconhecia a necessidade desta abordagem.

filosofia moderna, mas nunca aplicado por teóricos anteriores. Ele questiona se, mesmo se confiarmos na eficácia dos sentidos, não seria possível que estivéssemos sonhando, acreditando na lucidez de nossas ações. Este é um ponto importante da dúvida cartesiana, posto que são as críticas feitas a alguns caracteres deste questionamento que vão levar o autor a elaborar sua *suadúvida hiperbólica* (DUTRA, 2010, p. 91) ou, como Popkin vai chamar, o seu *superpirronismo* (POPKIN, 2000, p. 281). Não interessado em amenizar seu projeto pirrônico, Descartes lança mão do seu estágio mais avançado de ceticismo. Ele supõe que, em vez existir um deus “bom e veraz, desejoso de que sempre alcancemos a verdade”, poderia ser o caso de os homens estarem sob o controle de um *gênio maligno*, que deseja nos enganar e que pode manipular nosso pensamento, colocando as supostas verdades advindas da razão em falsidade (DUTRA, 2010, p. 91). Com este argumento, Descartes fecha seu ciclo de dúvida e estabelece um dos principais problemas da epistemologia moderna. No entanto, parece ser também neste ponto que muitos daqueles que se interessam e se interessaram por Descartes pararam de ler o autor. O que se segue deste conjunto de dúvidas nas próximas meditações, e que parece ter passado ao longe da compreensão destes estudiosos, é o que é mais representativo para o entendimento do método cartesiano.

Ao estabelecer seu encadeamento de dúvidas, Descartes colocou à prova tudo aquilo que uma grande tradição filosófica antes dele afirmou conhecer com tanta certeza e preparou o terreno para o que se seguiria em seu trabalho: uma resposta incisiva ao pirronismo renascido na modernidade – aos fideístas, em particular, e uma tentativa de reformar o saber, a partir de uma construção racionalista. Sua simulação do pirronismo grego não parece ser acidental. Segundo Popkin, Descartes demonstrou, em seus trabalhos, ter tido contato com a literatura pirrônica, tanto antiga quanto moderna, compreendendo que sua crítica era a única que tinha a força necessária para enfrentar os argumentos céticos. Popkin nos diz que:

É difícil dizer quando e como Descartes entrou pela primeira vez em contato com os pontos de vista céticos. Mas ele parece ter tido bastante conhecimento não apenas dos clássicos pirrônicos, mas também das correntes céticas de sua época e do crescente perigo que causavam à ciência e à religião. (...) Não apenas Descartes conhecia parte da literatura cética, como também tinha plena consciência da *crise pyrrhonienne* como uma questão bastante viva em sua época. (POPKIN, 2000, p. 272 et seq.)

Portanto, parece errôneo entender Descartes como um cético do *novo pirronismo* instituído entre autores modernos. Seu ceticismo é seu método. É na superexposição e

supervalorização da dúvida, que Descartes pretende chegar à certeza, tendo o *Cogito* como seu carro chefe no teste do critério de verdade para o conhecimento das coisas do mundo.

Ele demonstrou, por meio de uma estratégia dedutiva, que é a própria dúvida que leva ao caráter necessário do conhecimento – mas não da verdade, posto que esta já está dada em seu sistema. Descartes se utilizou da dedução axiomática matemática, largamente presente na tradição racionalista moderna, da qual o autor faz parte, para extrair dela as verdades que comporiam sua estrutura epistêmica, calcadas em verdades fundamentais, autoevidentes e incontestáveis (DUTRA, 2010, p. 82).

Descartes era um fundacionista. Não era o primeiro e nem foi o último deles. Mas foi, ao lado de Kant, talvez o filósofo que mais se destacou na defesa deste modo de conduta intelectual. O Fundacionismo é, ao lado da derivação axiomática, um dos elementos centrais do Racionalismo. Esta doutrina foi central e estratégica neste momento de *crise pirrônica*, dado que sua preocupação era (e ainda é, de certo modo) oferecer uma quarta alternativa ao *Trilema de Agripa*, estabelecendo um caminho que asseguraria a justificação epistêmica ao propor uma interrupção do regresso pirrônico de forma não-arbitrária, tendo uma crença autoevidente, ou auto-justificada, como base. Sobre esta abordagem, Sartori comenta que:

Segundo essa teoria, as crenças são divididas em crenças básicas e crenças não-básicas. As crenças básicas são aquelas crenças justificadas não-inferencialmente, isto é, que não são justificadas por outras crenças, mas que servem de sustentação ou justificação para outras crenças e são, assim, as fundações ou fundamentos da justificação (e do conhecimento). O fundacionismo, então, fazendo uso do argumento do regresso das justificações, diz que, se alguém tem crença justificada, então tem crença justificada diretamente (crença básica) e, se há crenças justificadas indiretamente (crenças não-básicas), então estas são justificadas por crenças básicas. (SARTORI, 2006, p. 7 et seq.)

O Descartes pirrônico (negativo) é, desta forma, um Descartes fundacionista estratégico (positivo). O método da dúvida vai levar ao sistema fundacionista cartesiano, que tem como crença básica a verdade do *Cogito*. Ao estabelecer a *dúvida hiperbólica*, o autor usa o gênio maligno em prol de seu fundacionismo. Segundo ele, aceitar a existência do gênio maligno é reconhecer sua primeira verdade clara, distinta e não-inferencial: eu sou. O sujeito tem de existir para ser enganado. E esta é primeira verdade indubitável reconhecida pela redução ao absurdo contida em seu *superpirronismo* (DUTRA, 2010, p. 91).

O *Cogito* cartesiano (eu sou), verdade clara e distinta extraída do método dubitativo, acaba inaugurando o que, na terceira meditação, vai constituir a regra geral de seu sistema:

tudo o que é claro e distinto é verdadeiro (DESCARTES, 2004, p. 270; DUTRA, 2010, p. 88). Para ele, a clareza e a distinção que faltam às verdades da *dúvida hiperbólica*, estão presentes no *Cogito*. Desta forma, este vai ser o elemento básico do fundacionismo cartesiano para a reversão do ceticismo: da dúvida pirrônica para a certeza total.

Após a obtenção desta primeira verdade autoevidente, Descartes vai trabalhar uma cadeia epistêmica, derivada do *Cogito*, para deduzir outras verdades e ampliar o conhecimento. A intenção do autor, neste ponto das *Meditações*, é eliminar toda e qualquer possibilidade de conhecimento falso, a partir da compreensão de uma série de verdades primeiras derivadas. O próximo passo para Descartes, na segunda meditação, é defender a razão dos ataques dubitativos. Para ele, mesmo reconhecendo o *Cogito*, não é possível derivar disto a possibilidade imediata de o sujeito se reconhecer como corpo, idéia atacada, em certa medida, nos argumentos da primeira parte do livro. Segundo Descartes, dada esta impossibilidade, resta ao *Cogito* derivar a mente do sujeito: eu sou coisa pensante, a segunda certeza da cadeia cartesiana de verdades (DUTRA, 2010, p. 93).

O que Descartes precisa fazer (e o faz, desde a segunda meditação até o final do trabalho) é tentar desconstruir a lógica pirrônica do regresso, mesmo que não o faça de forma explícita, e tentar responder aos ataques de seu personagem pirrônico da primeira meditação. Uma das respostas que o autor se vê obrigado a buscar é aquela que resolva o problema do gênio maligno, gerado na hipérbole do seu pirronismo estratégico. E Descartes faz isto se utilizando daquilo que vai se constituir no ponto mais problemático da doutrina cartesiana: a defesa da existência de idéias inatas (DUTRA, 2010, p. 95).

A força da proposta superpirrônica demanda uma resposta reforçada para minar a hipótese do gênio maligno. Com este propósito, Descartes, atendendo a uma agenda racionalista, e para o incômodo da tradição empirista, lança mão da doutrina das idéias inatas para defender a existência de um deus bom e veraz que, desejoso pela verdade, nos protegeria da falsidade daquilo que cremos e que aparenta atender à regra geral da clareza e da distinção da proposta cartesiana. Para permanecer dentro de sua própria regra, Descartes oferece uma polêmica explicação para descartar a hipótese pirrônica. Segundo ele, a idéia de um deus perfeito, infinito, eterno, imutável, onisciente e onipotente não poderia ter sido extraída empiricamente, posto que a experiência não tarda em revelar-se imperfeita, ao nos enganar. Nem poderia ser advinda de nossa própria mente, dada sua finitude e imperfeição. Desta maneira, parece que só resta a Descartes, a defesa da existência inata da idéia de Deus. Este

inatismo, por sua vez, é divino. Posto que apenas o próprio Deus, em sua perfeição, poderia nos prover de tal idéia inabalável (DUTRA, 2010, p. 94). De acordo com ele:

(...) toda a força do argumento de que aqui me servi para demonstrar a existência de Deus consiste em que reconheço que seria impossível que minha natureza fosse tal como é, isto é, que eu tivesse em mim a idéia de um Deus, se Deus não existisse de fato; esse mesmo Deus do qual existe uma idéia em mim, ou seja, que possui todas essas altas *perfeições* de que nosso espírito pode imaginar, sem, contudo, compreendê-las a todas, que não é sujeito a necessidade alguma e que nada possui de todas as coisas que indicam alguma imperfeição. (DESCARTES, 2004, p. 289)

A noção da figura divina necessária é central no método cartesiano. Ela é crucial para a cadeia de verdades oferecida pelo autor, com vistas a estabelecer as bases para a busca de novas verdades acerca do mundo. Este conjunto de verdades básicas do sistema cartesiano vai ser o equivalente às crenças diretamente justificadas (autoevidentes) do próprio fundacionismo. Estas crenças, para a doutrina fundacionista clássica, precisam ser totalmente seguras ou infalíveis, para que possam dar sustento à estrutura doxástica do sujeito (SARTORI, 2006, p. 24).

Considerações Finais

O fundacionismo moderno colocou o racionalismo em evidência e acabou se firmando como uma das mais influentes doutrinas filosóficas, desde o século XVII. O trabalho feito por Descartes, de reconhecer a força do pirronismo, por muitas vezes teve como consequência respostas exaltadas por partes de seus contemporâneos que, por não compreenderem seu método, o acusaram de heresia e o taxaram de cético, nos moldes dos defensores da dúvida do novo pirronismo. No entanto, o esforço do filósofo francês foi de, travestido de cético, minar a dúvida que havia sido retomada fortemente na modernidade e tomado conta de uma boa parcela da intelectualidade européia pós-Reforma.

Descartes conheceu o ceticismo intimamente para, só assim, poder dar as respostas que ele entendia ser adequadas aos problemas dispostos no *Trilema*. Mesmo sem precisar em qual fonte cética o autor bebeu (podemos apenas supor a influência pontuais sobre o filósofo dos escritos pirrônicos) não fica difícil percebermos onde se localiza o escopo de sua crítica racionalista. Tomado pelo espírito da reforma do saber, Descartes lança mão das armas pirrônicas e constrói seu ceticismo metodológico como estratégia fundacionista para destruir a

dúvida e possibilitar a apreensão de verdades sobre o mundo. Descartes, mesmo sem ser cético, consegue ser o mais ferrenho argumentador dentre eles, ao passo que é um de seus maiores críticos, aquele cujas alternativas epistêmicas realmente abalaram a estrutura da crise pirrônica instaurada na Europa moderna.

Mesmo tendo sofrido ataque de muitas vias e levando-se em conta o fato de que sua teoria não tem a mesma aceitação de antes, posto que muitas outras teorias concorrentes surgiram ao longo do tempo e, até mesmo dentro da doutrina fundacionista, onde existe uma corrente de moderada que defende um afrouxamento no critério de falibilidade das crenças básicas, a estratégia cartesiana do ceticismo metodológico ainda figura como um importante ataque ao (não-)sistema pirrônico e às dificuldades contidas no regresso das justificações proposto por aqueles que, ao defenderem a dúvida, negavam a possibilidade do conhecimento.

Referências Bibliográficas

- DESCARTES, R. *Meditações*. In: *Os Pensadores: Descartes*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.
Tradução: Enrico Corvisieri.
- DUTRA, L. H. de A. *Introdução à Epistemologia*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- ETCHEVERRY, K. M. *O Fundacionismo Clássico Revisitado na Epistemologia Contemporânea*.
Porto Alegre. 102 p. Dissertação de Mestrado em Filosofia. PUCRGS. 2009.
- POPKIN, R. *História do Ceticismo: de Erasmo a Spinoza*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves
Editora S.A., 2000. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho.
- _____. *The History of Scepticism: from Savonarola to Bayle*. New York: Oxford University
Press, Inc., 2003.
- SARTORI, C. A. *Sobre a Viabilidade do Fundacionismo Epistêmico Moderado*. Porto Alegre, 118 p.
Tese de Doutorado em Filosofia. PUCRGS. 2006.